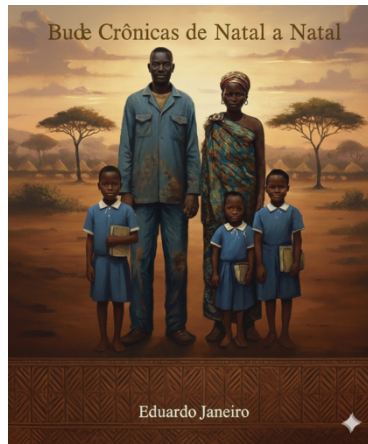


Crônica I - Bude Crônicas de Natal a Natal



Site do autor: livrosqueardem.com

I

A Ceia de Vidro 🎄

1

Prólogo Inútil, mas Necessário, ao Leitor Sensível

Peço perdão, leitor. Perdão antecipado e talvez definitivo. Se esperavas neve, sinos, perus recheados e crianças de faces róseas, aconselho-te a fechar este livro e ir reler Dickens, que ao menos oferece frio à pobreza. Aqui, em Maputo, o Natal acontece a quarenta graus à sombra — quando

há sombra — e o que cai do céu não são flocos, mas suor, grosso e bíblico, cumprindo à risca a sentença: com o suor do teu rosto comerás o pão, quando há pão.

A pobreza, diga-se logo, não será tratada aqui como tragédia. Tragédia exige grandeza; a pobreza é mais modesta. É uma habilidade. Uma arte silenciosa de viver do invisível, de cozinhar o nada e servi-lo quente, com dignidade.

2

De Bude, o Arquiteto do Nada

Bude era pai de família. Mas não apenas isso: era um diplomata da escassez, negociador experiente entre o desejo e o impossível. Tinha três filhos — todos com nomes grandes para corpos pequenos — e uma esposa chamada Esperança, cujo batismo o narrador considera uma das ironias mais cruéis já cometidas pelo destino.

Trabalhava de tudo um pouco, o que equivale a dizer: trabalhava de nada em particular. Seus biscates eram descritos por ele mesmo como “o que

aparecer”, e pelo narrador como exercícios de futilidade remunerada, quando remunerados. Às vezes descarregava sacos; outras, carregava promessas. Nenhuma pesava menos.

Apesar disso, Bude conservava um traço perigoso: otimismo. Não aquele otimista luminoso dos livros de autoajuda, mas um otimismo cansado, teimoso, quase ofensivo à realidade.

3

Do Plano Mirabolante para um Natal de Gente

Era 24 de dezembro. Data respeitável até entre os miseráveis. Bude acordou com uma resolução grave: sua família teria um Natal de gente.

E o símbolo dessa humanidade seria um Galo.

Não um frango de aviário, desses inchados de água e melancolia, mas um galo legítimo, do distrito, pescoço pelado, olhar desconfiado, que cantasse vitória antes de conhecer a panela. Um galo que morresse com dignidade.

O único obstáculo era a carteira de Bude, cuja espessura rivalizava com a

de uma hóstia — e cuja utilidade prática para saciar a fome era rigorosamente a mesma.

4

Peregrinação pelo Mercado do Xipamanine, Onde Tudo se Vende Menos a Compaixão

Bude partiu rumo ao Xipamanine, esse grande teatro da sobrevivência onde se dança um baile de desesperados elegantes. Havia gritos, cheiros, galinhas vivas, galinhas mortas, promessas frescas e decepções em promoção.

Encontrou um vendedor de galos cuja alma era mais dura que o bico da ave. Tentou negociar.

— Este galo parece triste — disse Bude. — Sofre de existencialismo.

O vendedor não riu. Nunca ria. O riso é luxo que se perde cedo.

Bude insistiu, usando toda a sua retórica: argumentou que comprar o galo era um favor ao próprio animal, que viver era sofrimento e que a panela

oferecia uma espécie de redenção. O vendedor ouviu, impassível, como quem escuta filosofia em dia de fome.

Saiu sem o galo.

Saiu, contudo, com um plano B, que envolvia uma lata de conservas, pão amanhecido e uma imaginação vigorosa — esta última, felizmente, ainda gratuita.

5

Da Chegada Triunfal de um Embrulho Suspeito

Bude chegou a casa com um embrulho envolto em jornal, caminhando com a dignidade de quem traz o ouro de Ofir. As crianças olharam com fé. Fé pura, semelhante à dos investidores na bolsa de valores: baseada em coisa nenhuma, mas essencial para manter o sistema vivo.

Esperança sorriu (um sorriso que tinha mais dentes do que motivos para ser mostrado).

O embrulho foi colocado sobre a mesa, que era curta, bamba e honesta — nunca prometera mais do que podia sustentar.

6

Do Milagre da Multiplicação do Ar

Revelou-se a ceia.

Pão amanhecido.

Um resto de caril de nada — desses que já foram tudo e agora são lembrança.

E uma garrafa de refrigerante barato, cujo gás era, segundo o narrador, a única coisa que subia na vida daquela família.

Bude fez um brinde.

Falou da abundância do espírito. Da riqueza invisível. Da importância de estar junto. Falou tão bem da fome que quase convenceu a todos de que estavam cheios. As crianças mastigaram devagar, respeitosas. Comer rápido seria indelicado com o pouco.

E por um instante — note-se bem: um instante apenas — houve alegria.
Frágil como vidro, mas real.

7

Epílogo, Onde Nada se Resolve, como Convém à Vida

Dormiram.

Dormiram o sono dos justos, que é idêntico ao sono dos famintos, com a diferença de que os primeiros não precisam acordar para o mata - bicho .

Bude ficou acordado. Olhou o teto de zinco, que refletia o calor e devolvia pensamentos. Pensou que fora feliz naquele dia — pensamento perigoso, quase criminoso.

E o narrador, que tudo observa e nada perdoa, conclui:

A alegria de Bude foi o seu maior crime
e a sua única virtude.

II

O Brinde que Não Explodiu ✨

(ou Da Passagem de Ano em que o Futuro Chegou Atrasado)

1

Prólogo Prematuro sobre o Ano Novo, que Não é Novo

O Ano Novo, leitor, é uma dessas invenções humanas destinadas a consolar os vivos com números. Muda-se o calendário, conserva-se a miséria; troca-se o algarismo, mantém-se o aluguer atrasado. Ainda assim, insiste-se no ritual com uma fé que faria inveja aos santos.

Chegamos agora a esta outra data respeitável: a passagem de ano. Se o Natal exige fé, o Ano Novo exige fingimento. É preciso fingir que algo termina para suportar que quase nada comece.

Bude lembra-se bem daquela ceia de vidro. Lembra-se do silêncio, da dignidade improvisada, da habilidade de transformar ar em esperança. É com essa memória — e não com dinheiro, convicções ou garantias — que ele decide, nesta noite, abrir uma garrafa de espumante e brindar ao futuro.

Bude acreditava pouco em santos, mas acreditava muito em datas. Talvez porque as datas, ao contrário dos padrões, chegam sempre.

Era 31 de dezembro de 2025, e Maputo ardia com a convicção térmica de sempre. O ano estava prestes a acabar — o que não significava, registre-se, que tivesse começado decentemente.

2

Da Solene Decisão de Receber 2026 como se Recebe uma Visita Ilustre

Bude acordou cedo, o que já era um gesto de esperança injustificada.

Declarou, com voz grave, que aquele não seria apenas mais um virar de

calendário.

— Hoje brindamos — disse ele.

Esperança levantou os olhos devagar, como quem examina um milagre anunciado pela Rádio Moçambique .

— Com quê? — perguntou, sem ironia. A fome não aprecia sarcasmo.

— Com o futuro — respondeu Bude, que sempre foi dado a substâncias abstratas.

Os filhos sorriram. O sorriso infantil é um crédito sem garantias, mas ninguém ousa recusá-lo.

3

Inventário das Posses, Onde se Descobre que o Ano Velho Levou Quase Tudo

A casa apresentava-se como sempre: humilde, honesta, sem pretensões e sem reboco. Sobre a mesa, nenhum galo — Bude aprendera que certas

ambições provocam apenas humilhações públicas.

Havia, no entanto:

- Uma garrafa de vinho espumante barato, desses que prometem explosão e entregam suspiro;
- Dois copos de vidro fino, sobreviventes de uma promoção extinta;
- Um prato de arroz branco, tão solitário quanto honesto;
- E um silêncio respeitoso, típico das ocasiões solenes.

Bud

— Isto — disse — é símbolo.

Ninguém perguntou de quê.

4

Da Expectativa Nacional, Familiar e Universal às 23h59

À medida que a noite avançava, a vizinhança começou a produzir barulho. Fogos improvisados, gritos, gargalhadas forçadas — sinais inequívocos de que o povo tentava convencer o destino pela insistência sonora.

Esperança vestiu a melhor blusa, aquela que ainda não desistira completamente dela. As crianças alinharam-se ao redor da mesa como se aguardassem uma cerimónia oficial.

Bude assumiu sua posição de chefe de Estado doméstico.

— Este ano — declarou — foi duro.

Não houve objeções.

— Mas sobrevivemos — acrescentou, com a ousadia de quem enumera vitórias duvidosas.

5

Do Brinde, que Era para Explodir, mas Optou pela Discrição

Chegaram aos últimos segundos do ano.

— Dez... nove... — contaram, com fervor matemático.

Bude tentou abrir o espumante.

Tentou outra vez.

A rolha resistiu com a dignidade de um funcionário público mal pago.

— Talvez seja simbólico — murmurou Esperança. — O futuro não se entrega assim.

Com esforço final, a rolha saiu — não com estrondo, mas com um suspiro tímido, quase educado.

Nenhum jato. Nenhuma espuma. Apenas um som breve, como um pedido de desculpas.

Serviram os copos. O líquido era pouco, mas sincero.

— Ao 2026 — disse Bude.

— Ao emprego — disse Esperança, prática.

— À comida — disseram os filhos, realistas.

Beberam.

E viveram, por um segundo inteiro, a ilusão completa.

6

Do Ano Novo, Que Chega Igual ao Antigo, Mas com Outras Promessas

O relógio marcou meia-noite.

Nada aconteceu.

Nenhuma porta se abriu. Nenhuma dívida desapareceu. Nenhum futuro bateu palmas.

Mas estavam juntos.

E isso, como sempre, precisou bastar.

Bude sentou-se depois, em silêncio. Pensou que talvez o erro estivesse em

esperar demais dos anos e de menos dos dias.

Esperança recolheu os copos com cuidado, como quem guarda provas de que algo, em algum momento, foi celebrado.

7

Epílogo Moderadamente Esperançoso, Para Não Ofender a Realidade

Dormiram.

O ano novo começou como todos os outros: com fome discreta, calor indecente e promessas sem recibo.

Mas houve um brinde.

E o narrador — sempre cético, mas não completamente desumano — admite:

Há famílias que não entram no ano novo;
resistem a ele.

E resistir, em certos países e em certas mesas,
é a forma mais sofisticada de esperança.

III

Dos Reis que Não Trouxeram Ouro 👑

1

Considerações Preliminares sobre a Fé que Chega Depois da Festa

Mal amanheceu o primeiro dia útil do ano, Bude já pensava no Dia de Reis. Não por devoção — a devoção exige tempo e disposição — mas por cálculo. O homem pobre aprende cedo que as datas religiosas são, antes de tudo, oportunidades estatísticas.

Se três reis atravessaram desertos para levar ouro, incenso e mirra, por que não poderiam atravessar bairros e trazer, ao menos, arroz, óleo e um frango honesto?

A esperança de Bude era modesta; exatamente por isso, perigosa.

Inventário Espiritual dos Reis Magos, Feito com Certa Má Vontade

Bude conhecia a história. Um rei negro, um branco, um moreno — detalhe que sempre lhe agradara, pela justiça cromática da fé. Tinham seguido uma estrela. Ora, estrelas em Maputo eram poucas, abafadas pela poeira e pelos postes sem lâmpada, mas ainda assim visíveis aos atentos.

— Se eles acharam um menino no meio do nada — pensou Bude —, podem achar esta casa.

Esperança ouviu o comentário e respondeu com a experiência de quem já esperou demais:

— Os reis costumam atrasar-se. E quando chegam, já é tarde.

Do Plano Moderado para Receber Reis Sem Trono Nem Coroa

Bude decidiu preparar a casa. Não como quem espera visita rica, mas

como quem não quer ser acusado de desleixo pela Providência.

Varreu o chão. Endireitou a mesa. Lavou os copos de vidro — os mesmos da ceia, sobreviventes silenciosos de duas datas importantes. Colocou-os à vista, como prova de boa-fé.

As crianças perguntaram se os reis vinham mesmo.

— Vêm — disse Bude. — Sempre vêm. Só não garantem o que trazem.

4

Da Estrela Imaginária e da Realidade Concreta

Na noite de cinco de janeiro, Bude saiu ao quintal e olhou o céu. Procurou a estrela. Encontrou apenas calor e um avião distante, desses que levam gente para longe da fome.

Pensou, então, que talvez a estrela fosse interna. Uma espécie de teimosia luminosa que insiste em não apagar.

Entrou.

Esperança já dormia. As crianças também. Sobre a mesa, nada além do que sempre esteve: pouco.

Bude sentou-se e esperou. Esperou como quem sabe que não virá, mas respeita o ritual.

5

Epílogo Provisório, Porque a Vida Ainda Não Acabou

Na manhã do Dia de Reis, não houve ouro, nem incenso, nem mirra.

Houve pão seco. Houve café ralo. Houve mais um dia.

Bude mastigou devagar e concluiu, com uma lucidez perigosa:

Os reis não falharam.

Apenas delegaram.

E deixaram ao homem comum a tarefa mais difícil:

continuar.

Levantou-se.

Era tempo de trabalhar — ou de procurar trabalho, que dá quase no mesmo.

IV

Do Carnaval, em que Cerrou-se Crédito à Alegria



(Crónica de um Riso Parcelado)

1

Advertência Inicial ao Leitor que Espera Música

Não espere o leitor tamborins, serpentinas nem excessos tropicais. O Carnaval de Bude não tinha samba; tinha cálculo. Não havia luxo, mas havia intenção — e intenção, como se sabe, é a forma mais barata de felicidade.

Depois do Natal de vidro, do Ano Novo contido e do Dia de Reis falhado, restava uma data popular, dessas que prometem alegria sem exigir

justificativa: o Carnaval. Festa democrática, diz-se. Bude acreditou. E acreditar, para ele, já era uma espécie de investimento.

2

Da Ideia Perigosa de Comprar Alegria a Crédito

Foi numa terça-feira de sol insolente que Bude teve o pensamento fatal:

— E se este ano rirmos?

A ideia não lhe pareceu absurda de início. O riso não ocupa espaço, não pesa na panela e não precisa de refrigeração. Bastava provocá-lo.

Mas riso, descobriu-se, também custa.

Custava fantasia, custava bebida açucarada, custava música, custava sobretudo disposição — esse artigo sempre fora do estoque.

Mesmo assim, Bude decidiu: compraria alegria a crédito.

3

Da Peregrinação Comercial em Busca de Felicidade Parcelada

Foi ao bairro, ao mercado menor, ao balcão onde se vende de tudo um pouco e se cobra confiança.

— Dá para pagar depois? — perguntou Bude, com a humildade estratégica dos endividados crónicos.

O comerciante olhou-o com a experiência de quem já financiou sonhos alheios e recebeu calotes existenciais.

— Depende — disse. — Alegria estraga rápido.

Bude saiu com um pacote de sumo em pó, dois pães doces e uma fita colorida, daquelas que já foram vermelhas antes de se tornarem passado.

Anotaram seu nome num caderno. Caderno este que, segundo o narrador, é o verdadeiro livro sagrado do comércio popular.

Da Fantasia Improvisada e do Baile Doméstico

Em casa, Esperança observou os preparativos com prudência conjugal.

— Carnaval não enche barriga — advertiu.

— Mas distrai — respondeu Bude. — E distrair é uma forma de adiar a fome.

As crianças vestiram-se com o que havia: uma camisa do avesso, uma fita na cabeça, um chapéu herdado de uma promessa antiga. Eram reis, piratas, estrelas — tudo ao mesmo tempo, com a liberdade que só a pobreza concede.

Bude ligou o rádio. A música chegou fraca, chiada, mas chegou.

Dançaram.

Pouco, contido, respeitoso — como quem dança em chão emprestado.

Do Riso que Veio, Ficou Pouco e Foi Embora sem Aviso

Houve riso. Verdadeiro. Breve. Quase suspeito.

Esperança sorriu. As crianças gargalharam. Bude bateu palmas fora do ritmo, mas com convicção.

Por alguns minutos, esqueceram o caderno do comerciante, a sidra tímida, os reis ausentes.

A alegria, contudo, cumpriu seu contrato tácito: veio, mas não se comprometeu.

Quando a música acabou, sobrou o silêncio — sempre pontual.

6

Epílogo Contábilístico , Onde se Fazem as Contas da Festa

No dia seguinte, o sol voltou com juro. A casa também.

Bude sentou-se à mesa e fez o cálculo final: tinham rido, sim. Mas agora

deviam.

Devia-se o sumo. Devia-se o pão. Devia-se, sobretudo, a continuidade.

E o narrador, que não aceita ilusões sem recibo, conclui:

A alegria comprada a crédito
não falha.

Apenas cobra depois,
em dias comuns.

Bude levantou-se.

Era quarta-feira.

E a vida, como sempre, não estava em festa.

V

Da Páscoa, em que Bude Esperou Ressurreição sem Corpo 🐣

(Breves Meditações sobre o Domingo)

1

Do Significado Teórico da Páscoa para Quem Não Come Chocolate

A Páscoa, leitor, é uma festa curiosa: celebra-se a ressurreição com ovos de chocolate, como se o açúcar tivesse poderes teológicos. Para Bude, porém, a Páscoa sempre fora um evento abstrato, desses que se respeitam à distância, como se respeita o luxo alheio.

Chocolate era artigo estrangeiro à sua casa. Ovos, só os da galinha do vizinho — e mesmo esses, raros e mal vistos.

Ainda assim, Bude acreditava na essência da data: algo morto podia voltar.

Acreditar nisso não custava nada. O problema era o depois.

2

Do Cálculo Prudente sobre Milagres e Orçamentos

Na semana santa, Bude fez contas. Não das financeiras — essas já estavam perdidas —, mas das espirituais.

Se Cristo ressuscitara ao terceiro dia, talvez o emprego pudesse ressuscitar ao quarto. Ou a esperança ao quinto. Era questão de calendário.

Esperança, prática como sempre, limpava a casa.

— Milagre não paga farinha — disse, sem desdém.

— Mas aguenta o dia — respondeu Bude.

3

Do Domingo, que Amanheceu Igual aos Outros

O domingo de Páscoa chegou sem anúncio. Nenhum sino, nenhuma visita, nenhum coelho. O sol cumpriu sua função com zelo excessivo.

Sobre a mesa, o mesmo de sempre: pão, café ralo, silêncio moderado.

Bude vestiu a camisa menos cansada. Não para ir à igreja — que fé não exige deslocamento —, mas por respeito à data.

Sentaram-se.

Não houve ceia. Houve presença.

4

Da Ressurreição Doméstica, Pequena e Não Oficial

Depois do café, Bude fez algo incomum: contou histórias. Histórias antigas, de quando trabalhava fixo, de quando o futuro parecia um lugar visitável.

As crianças ouviram com atenção de fiéis.

Esperança sorriu de lado. Não por acreditar, mas por reconhecer o esforço.

Algo, de fato, ressuscitou: o som da casa. Risos curtos, perguntas, interrupções.

Nada sobrenatural. Nada caro.

5

Epílogo Moderadamente Teológico

Ao fim do dia, Bude sentou-se sozinho e pensou que talvez a Páscoa tivesse acontecido ali mesmo, sem testemunhas nem trombetas.

Não ressuscitou o dinheiro.

Não ressuscitou o conforto.

Mas ressuscitou a disposição de continuar.

E isso, leitor, para certas famílias, já conta como milagre.

Há ressurreições que não saem do túmulo,
apenas se levantam da cadeira.

Bude levantou-se.

Segunda-feira vinha aí —

e não esperava fé.

VI

Do Dia do Trabalhador, em que Bude Trabalhou sem Título 🚧

(Breve Tratado sobre o Emprego Ausente)

1

Da Ironia Nominal, Que Não Alimenta Ninguém

Chamam-lhe Dia do Trabalhador, leitor, como se bastasse nomear para existir. É como chamar banquete a um prato vazio ou descanso a uma cadeira dura. Bude acordou cedo nesse primeiro de maio, não por compromisso profissional — que isso seria otimismo —, mas por hábito. O corpo, treinado na necessidade, desconhece feriados.

Pensou no nome da data com certo respeito distante. Trabalhador ele era; faltava-lhe apenas o trabalho, esse detalhe administrativo que a história insiste em exigir.

Do Currículo Invisível e da Experiência que Não Conta

Bude sentou-se à mesa e fez o inventário de si mesmo: carregara sacos, limpou quintais, descarregara caminhões, prometera pontualidade, cumprira silêncios. Nada disso constava em papel. Seu currículo era oral, transmitido de boca em boca, e por isso mesmo fácil de ser esquecido.

— Experiência sem contrato — murmurou.

Esperança ouviu e respondeu sem levantar os olhos:

— É a mais comum.

Da Marcha que Não Marchou

Havia, na cidade, discursos, cartazes, palavras grandes. Bude soube por um vizinho que trabalhadores marchariam, exigiriam, proclamariam.

Considerou ir. Depois considerou ficar.

Marchar exige destino. E Bude, naquele momento, só tinha retorno.

Ficou em casa. Lavou a roupa. Consertou uma cadeira. Fez pequenos serviços que não rendem salário, mas mantêm a dignidade respirando.

Trabalhou, enfim — no dia dedicado a quem trabalha.

4

Do Almoço Modesto e da Reflexão Excessiva

O almoço foi o possível. Arroz, pouco. Molho, quase memória. Comeram com a solenidade de quem reconhece esforço onde não houve recompensa.

Bude pensou que talvez o problema não fosse a falta de trabalho, mas o excesso de trabalhadores. A ideia pareceu perigosa demais para ser dita em voz alta.

Calou.

Epílogo Produtivo, Ainda que Não Remunerado

À tarde, sentou-se à sombra e observou as mãos. Mãos calejadas, honestas, desempregadas. Pensou que, se o mundo fosse justo, aquele dia lhe daria ao menos um recibo simbólico.

Não deu.

Mas deu outra coisa: clareza.

Há quem não trabalhe e seja celebrado.

Há quem trabalhe sempre e nunca seja visto.

O Dia do Trabalhador

é apenas o nome oficial dessa distração.

Bude levantou-se ao fim do dia com a mesma decisão de sempre: procurar trabalho no dia seguinte.

Não por esperança.

Por método.

VII

Do Dia da Criança, em que Bude Envelheceu um Pouco 🧒

(Observações de um Pai em Data Alheia)

1

Da Existência Oficial da Infância

O Dia da Criança, leitor, é uma dessas datas inventadas por adultos para se redimirem do que fazem o resto do ano. Celebra-se a infância com brinquedos caros, slogans coloridos e promessas educativas — tudo muito distante da criança real, que prefere pão quente e atenção sem prazo.

Bude conhecia bem a data. Não pelo calendário, mas pelo aumento súbito de anúncios, risadas alheias e desejos impraticáveis.

2

Do Pedido Que Não Veio em Forma de Pedido

As crianças de Bude não pediram nada. Eis o detalhe mais cruel.

Não pediram brinquedo, não pediram roupa, não pediram doce. Tinham aprendido cedo a arte do silêncio preventivo — essa sabedoria triste que evita constranger os pais.

Bude percebeu. Percebeu sempre, tarde demais.

— Hoje é vosso dia — disse ele, com voz ensaiada.

As crianças sorriram, educadas. O sorriso infantil, quando moderado, denuncia pobreza.

3

Da Tentativa Honesta de Produzir Alegria

Bude saiu. Não para comprar — que isso exige dinheiro —, mas para procurar. Encontrou uma bola velha, esquecida num canto do bairro, mais remendada que inteira.

Trouxe-a como quem traz um troféu arqueológico.

— É para todos — disse.

Jogaram. Riram. Correram.

A alegria veio sem embalagem, sem manual e sem garantia. Veio breve, mas veio.

Bude observava sentado, cansado não do corpo, mas do tempo. Cada riso das crianças era um lembrete silencioso de que ele envelhecia mais rápido que elas cresciam.

4

Da Comemoração que Não Saiu na Fotografia

Não houve bolo. Não houve música. Não houve registro.

Houve sombra. Houve água fresca. Houve presença.

Esperança sentou-se ao lado de Bude.

— Eles estão felizes — disse, quase surpresa.

— Estão distraídos — corrigiu ele. — A felicidade exige mais orçamento.

5

Epílogo em Tom Menor, como Convém às Datas Grandes

À noite, as crianças dormiram cedo, cansadas de brincar com o pouco.

Bude ficou acordado, como sempre.

Pensou que o Dia da Criança não era para elas, mas para ele: um aviso anual de que precisava continuar.

As crianças crescem apesar de tudo.

Os pais envelhecem por causa disso.

O Dia da Criança

é o dia em que os adultos medem

o próprio cansaço.

Bude apagou a luz.

Amanhã seria outro dia —

sem data, sem slogan, sem infância.

VIII

Do Planejamento Familiar, em que Bude Contou o que Ainda Não

Existia



(Apontamentos sobre o Amor que Sabe Parar)

O assunto não foi introduzido como os assuntos importantes costumam ser:

não houve discussão, nem anúncio, nem autoridade religiosa envolvida.

Veio numa noite comum, dessas em que o calor não permite heroísmos e o corpo pede apenas repouso honesto.

Esperança estava sentada à beira da cama, contando comprimidos como quem conta dias.

Bude observava o teto, que devolvia o calor e algumas verdades.

— Estamos atrasados, disse ela.

A frase caiu pesada, como tudo o que não especifica.

Bude não respondeu de imediato. Aprendera que certas respostas pioram o problema.

O atraso não era novidade. A vida deles sempre chegara depois.

Depois do salário.

Depois da promessa.

Depois da explicação.

Mas aquele atraso era outro. Tinha nome futuro.

Bude pensou nos filhos já existentes. Pensou no pão dividido em silêncio.

Pensou no caderno escolar usado dos dois lados. Pensou no espaço da casa, que já era estreito para o presente.

— E se vier? — perguntou, sem esperança nem medo. Apenas método.

Esperança fechou a caixa.

— Vem sempre alguém, respondeu. — O problema é quem fica.

Não falaram de política.

Não falaram de religião.

Não falaram de África, nem de Europa, nem de estatísticas.

Falaram do arroz.

Da água.

Do uniforme escolar.

Do remédio que não se parte em três partes iguais.

Falaram como quem ama.

E foi nesse ponto que a decisão se apresentou, sem pedir voto.

4

Decidiram não aumentar o agregado familiar.

Não por egoísmo — palavra que costuma ser usada por quem nunca passou fome coletiva.

Não por modernidade — essa senhora que só visita casas com

eletricidade constante.

Decidiram por prudência.

Uma prudência sem discurso, sem bandeira, sem coragem visível.

Esperança disse:

— Quero conseguir alimentar os que já me chamam mãe.

Bude assentiu.

— Quero continuar a chamá-los pelo nome, não por número.

—

5

Sabiam que a decisão não seria popular.

No bairro, filhos são riqueza futura, mesmo quando a pobreza é presente contínuo.

Mulher sem muitos filhos é vista com desconfiança — como quem recusa contribuir para a eternidade do povo.

Mas Bude e Esperança não estavam a construir eternidades.

Estavam a tentar chegar ao fim do mês.

6

O método escolhido foi simples, quase clandestino.

Nada que merecesse discurso público.

Esperança passou a ir ao centro de saúde.

Bude passou a contar os dias com a seriedade de quem administra um orçamento invisível.

Não sentiram vitória.

Nem derrota.

Sentiram alívio — sentimento raramente celebrado.

7

Certa tarde, uma vizinha comentou, com aquela intimidade agressiva dos costumes:

— Ainda vêm mais, não? Deus ajuda.

Esperança sorriu.

— Deus ajuda. Mas nós organizamos.

A frase não foi entendida.

E isso, no bairro, equivale a paz.

8

À noite, Bude pensou longamente.

Pensou que talvez o maior gesto de amor não fosse trazer mais alguém ao mundo,
mas proteger os que já estavam dentro dele.

E pensou, com uma lucidez que não contou a ninguém:

Há filhos que nascem do corpo.

Outros nascem da renúncia.

Epílogo curto

O agregado familiar permaneceu o mesmo.

A fome, também.

Mas tornou-se administrável, essa palavra feia que salva vidas.

E o narrador, que tudo observa com alguma culpa, admite:

Nem toda coragem grita.

Algumas apenas param.

IX

Do Dia da Independência, em que Bude Mediu a Liberdade em Metros Quadrados 🇧🇷

(Anotações para um Feriado Nacional)

1

Da Liberdade Proclamada e da Liberdade Praticada

A Independência, leitor, é um acontecimento sério. Teve guerra, mortos, discursos e bandeiras. Não se deve tratá-la com leviandade. Bude sabia disso. Respeitava a data como se respeita um túmulo: em silêncio e com alguma culpa.

Era 25 de junho. A cidade acordara com músicas patrióticas e promessas recicladas. A liberdade, segundo o rádio, era um fato consumado. Bude desligou o aparelho. Fatos consumados não combinam com estômago vazio.

2

Do Cálculo Doméstico da Soberania

Bude olhou a casa. Pequena. Quente. Alugada à informalidade. Pensou que sua soberania cabia inteira ali dentro — e ainda sobrava pouco espaço para o futuro.

Era livre para sair, mas não para ir longe.

Livre para falar, mas não para ser ouvido.

Livre para trabalhar, mas não para ser contratado.

— Liberdade sem meios — murmurou — é teoria.

Esperança, sentada, respondeu com a prática:

— É o que temos.

3

Da Bandeira, Vista de Baixo

No bairro, alguém hasteara uma bandeira num poste improvisado. O pano tremulava com dignidade, apesar do mastro torto. Bude gostou da imagem:

parecia o país.

As crianças correram, cantaram o hino com entusiasmo irregular. Para elas, a independência era cor, som, feriado. Para Bude, era uma pergunta sem resposta oficial.

— Pai, somos livres? — perguntou o mais novo.

Bude pensou. Pensou como quem pisa terreno minado.

— Somos — disse. — Mas ainda estamos aprendendo a usar.

4

Da Comemoração Modesta e do Almoço Patriótico

O almoço foi simples. Arroz nacional. Molho sem bandeira. Comeram com respeito, como se cada garfada tivesse sido conquistada em combate.

Bude lembrou-se dos que lutaram. Dos que morreram. Dos que prometeram. Pensou que talvez a independência fosse um processo, não um evento.

Pensamento perigoso em dia de feriado.

5

Epílogo em Tom de Pergunta, Porque Respostas Custam Caro

À tarde, o barulho cessou. A bandeira ficou quieta. A liberdade, também.

Bude sentou-se à porta e concluiu:

A independência libertou o país.

Agora falta libertar os dias,

as mesas,

as escolhas pequenas.

A liberdade grande cabe no discurso.

A pequena ainda procura endereço.

Levantou-se.

Amanhã seria dia normal —

e a liberdade, como sempre, teria de trabalhar.

X

Do Censo, em que Bude Foi Contado sem Ser Considerado 

(Notas Estatísticas sobre uma Vida Comum)

1

Da Chegada da Autoridade em Camisa Clara

O funcionário do INE chegou numa manhã sem vocação para grandes acontecimentos. Vestia camisa clara, calça escura e carregava uma prancheta que parecia mais importante do que ele próprio. Bateu à porta com a segurança de quem representa números — e números, como se

sabe, raramente pedem licença.

Bude abriu. Sempre abre. A pobreza aprende cedo que portas fechadas levantam suspeitas.

— Bom dia — disse o homem. — Censo.

Era tudo.

2

Da Tradução Imediata da Palavra “Censo”

Bude entendeu. Censo significava: diga-me quem é para que eu possa esquecê-lo em média. Convidou o homem a entrar. Não por cortesia, mas por respeito institucional — esse sentimento confuso que mistura medo, esperança e hábito.

Esperança sentou-se. As crianças alinharam-se como se fossem parte de uma amostra.

— Quantas pessoas vivem aqui? — perguntou o funcionário.

— As mesmas de sempre — respondeu Bude. — Mas pode contar.

3

Das Perguntas Exatas e das Respostas Imprecisas

O funcionário anotava rápido, sem levantar muito os olhos.

Idade.

Estado civil.

Escolaridade.

Ocupação.

— Ocupação? — repetiu Bude.

Houve um silêncio técnico.

— Trabalho informal — disse por fim.

O funcionário marcou uma opção. Bude sentiu-se reduzido a uma palavra que não pagava contas.

— Rendimento mensal?

Bude sorriu. Não por ironia, mas por reconhecimento do absurdo.

— Variável — respondeu.

Era verdade. Variava entre pouco e quase nada.

4

Da Casa Transformada em Categoria

A casa foi medida em divisões. A dignidade, não. O chão de terra virou “piso não acabado”. A latrina foi “acesso partilhado”. A água, “fonte externa”.

Cada resposta tirava um pouco da casa e colocava numa tabela invisível.

As crianças observavam, confusas. Não sabiam que estavam sendo convertidas em percentagens.

5

Do Agradecimento Final, que Não Resolve Nada

O funcionário fechou a prancheta.

— Obrigado pela colaboração — disse, com a leveza de quem acaba de recolher um grão de areia e chamar isso de deserto.

Foi-se.

Bude ficou. Sempre fica.

6

Epílogo Numérico, sem Algarismos

Bude sentou-se e pensou que, oficialmente, agora existia. Estava contado.

Registrado. Arquivado.

Mas continuava invisível ao mercado, ao crédito, ao futuro.

O censo conta pessoas.

A vida, não.

E entre um número e um nome
há sempre um homem esperando.

Bude levantou-se.

O almoço não entrava em estatística —
mas precisava ser feito.

XI

Da Doença, em que Bude Passou a Ser Número de Cama

(Apontamentos Clínicos sobre um Corpo Útil)

1

Do Início Discreto do Mal, como Convém às Coisas Graves

A doença de Bude não chegou com alarde. Veio como vem a maioria das tragédias verdadeiras: devagar, educada, pedindo licença. Primeiro foi um cansaço que não se explicava pelo trabalho — e isso, para ele, já era novidade. Depois, uma dor vaga, dessas que não apontam lugar nem causa.

Bude ignorou. O corpo do pobre aprende cedo a sofrer em silêncio. Dor, quando frequente, vira fundo musical.

2

Da Decisão de Procurar Ajuda, Que Nunca É Simples

Quando a febre apareceu, Esperança decidiu.

— Amanhã vais ao hospital.

Bude não discutiu. A discussão exige energia, e a energia já estava em falta.

Foram cedo. A fila já existia. Fila é instituição antiga, anterior à República.

3

Da Transformação do Homem em Prontuário

Na recepção, pediram documentos. Depois nome. Depois idade. Depois sintomas. Tudo anotado com zelo burocrático.

— Número do processo — disse a enfermeira.

E Bude recebeu um papel. Pequeno. Oficial. Indiscutível.

A partir dali, não era mais Bude. Era o caso 417 — ou algo igualmente respeitável.

Esperança sentou-se ao lado, segurando a identidade dele como quem segura prova de existência.

4

Do Corpo Examinado e da Vida Não Consultada

Médicos passaram. Tocaram. Mediram. Prescreveram.

— Trabalha com o quê? — perguntou um.

— Com o que aparece — respondeu Bude.

O médico anotou sem levantar os olhos. A resposta não cabia no formulário.

Recebeu comprimidos. Recebeu instruções. Recebeu silêncio.

A doença tinha nome. Ele, cada vez menos.

5

Da Espera, Que É o Verdadeiro Tratamento

Na enfermaria, o tempo dilatou-se. Outros corpos, outros números, outras dores em fila indiana.

Bude pensou na ironia: enquanto saudável, era invisível; doente, tornara-se oficialmente existente.

— Aqui ao menos me veem — pensou, e assustou-se com a ideia.

6

Epílogo Clínico, sem Alta Moral

Bude melhorou. Não porque o sistema funcionou plenamente, mas porque o corpo insistiu. Recebeu alta. Voltou para casa com receita, recomendações e nenhum acompanhamento.

Deixou para trás o prontuário. Trouxe consigo a lição.

O doente é um problema temporário.

O pobre é crónico.

A saúde cura o corpo.

A vida volta a adoecer.

Bude levantou-se da cama.

Precisava trabalhar.

Mesmo sem estar curado.

XII

Da Eleição, em que Bude Votou e Foi Arquivado 📦

(Considerações sobre a Democracia Portátil)

Do Chamamento Cívico, Que Não Inclui Convite para Almoço

Chegou o dia da eleição com a solenidade habitual: cartazes novos sobre promessas antigas. O bairro vestiu-se de cores partidárias como quem troca de camisa esperando mudar de destino.

Bude observava em silêncio. Gostava da ideia do voto. Era uma das poucas coisas que ainda lhe pediam de graça.

— É nosso dever — disse alguém.

Bude concordou. Dever, afinal, sempre teve em excesso.

2

Da Fila Democrática, Onde Todos São Iguais por Algumas Horas

Foi cedo ao posto. A fila já estava formada — mistura honesta de idades, esperanças e cansaços. Ali, todos valiam um voto. Não mais, não menos.

Bude apreciou a igualdade temporária. Duraria até o fechamento das urnas.

Quando chegou sua vez, disseram-lhe:

— Número do eleitor.

E lá estava ele outra vez: reduzido a algarismos, agora com direito a tinta no dedo.

3

Do Ato de Votar, Que Cabe Num Quadrado

Bude entrou na cabine. Diante dele, nomes, símbolos, rostos sorridentes demais para serem verdadeiros.

Pensou em escolher o menos ofensivo. Pensou em escolher o mais convincente. Pensou em escolher qualquer coisa que não o decepcionasse.

Escolheu.

O voto caiu na urna com um som seco, definitivo, como se dissesse: agora é contigo.

4

Da Saída Triunfal, que Não Muda o Caminho

Saiu com o dedo manchado, símbolo de cidadania temporária.
Cumprimentaram-no. Sorriram-lhe. Por algumas horas, foi importante.

À tarde, os carros de som desapareceram. As promessas também.

Bude voltou para casa pelo mesmo caminho de sempre, passando pelas
mesmas casas, pelos mesmos buracos.

A democracia ficara no centro. A vida, na periferia.

5

Epílogo Eleitoral, com Resultado Antecipado

À noite, anunciaram vencedores. Bude ouviu de longe, como quem escuta
a chuva cair noutra rua.

Pensou que, mais uma vez, fora contado. Registrado. Arquivado.

Na eleição, o homem é número.

No governo, é estatística.

Na vida, é esquecido.

Mas ainda assim vota —

porque desistir não cabe no boletim.

Bude lavou o dedo.

A tinta saiu.

O número ficou.

Do Natal que Volta, e de Como Bude Já o Conhecia 🧑🏻

(Memória Circular de uma Mesa Frágil)

1

Do Anúncio do Natal, que Nunca Surpreende

O Natal estava à vista. Não porque houvesse luzes, anúncios ou fartura — mas porque o ar mudara. O fim do ano tem um cheiro próprio, mistura de expectativa e cansaço. Bude reconheceu-o de imediato, como se reconhece uma dor antiga.

— Já chega outra vez — pensou.

E, ao pensar isso, lembrou-se do primeiro Natal desta história. Aquele em que tudo começou. Aquele da ceia de vidro.

2

Da Ceia que Não Se Esquece Porque Não se Quebrou

Lembrou-se da mesa curta, do pão duro, do refrigerante sem alegria. Lembrou-se do cuidado excessivo com os gestos, como se qualquer palavra pudesse estilhaçar a noite.

Naquele Natal, Bude ainda acreditava que a dignidade precisava ser representada. Hoje sabia: ela apenas resiste.

A ceia de vidro não fora pobre por falta de comida — fora pobre por excesso de silêncio. Mas resistira. E isso lhe dera método.

3

Do Tempo que Passou Sem Passar

Desde então, vieram os brindes tímidos, os reis ausentes, o carnaval a crédito, a páscoa sem corpo, o trabalho sem trabalho, a infância sem brinquedo, a independência sem meios, o censo, a doença, a eleição.

Datas passaram por Bude como funcionários: recolheram algo e seguiram.

E agora o Natal voltava, educado, insistente, pontual como uma cobrança antiga.

Da Preparação Sem Ilusão

Bude não fez planos grandiosos. Aprendera. Varreu a casa. Endireitou a mesa. Lavou os copos de vidro — ainda vivos, ainda inteiros, ainda perigosos.

Esperança observava em silêncio.

— Vamos fazer ceia? — perguntou, sem esperança excessiva.

— Vamos fazer presença — respondeu Bude.

As crianças cresceram um pouco. O suficiente para lembrar. O suficiente para não pedir.

Epílogo em Forma de Reconhecimento

Na véspera, Bude sentou-se sozinho e compreendeu o que antes não soubera formular:

O Natal não começa na fartura,
começa na memória.

E quem sobreviveu a uma ceia de vidro
não espera milagres —
espera equilíbrio.

Levantou-se.

O Natal vinha aí.

E Bude, como sempre, já estava à mesa.

Epílogo

Em que Nada se Resolve, como Convém à Vida de Bude

Se o leitor chegou até aqui esperando redenção, peço-lhe desculpas tardias. A história de Bude não foi escrita para resolver coisa alguma. Resolve-se o que é problema; Bude é condição.

O tempo passou — ou fingiu passar — entre datas respeitáveis, discursos altos e mesas baixas. O Natal voltou. O Ano Novo prometeu. Os Reis atrasaram-se. O Carnaval riu a crédito. A Páscoa falou em ressurreição sem corpo. O Trabalho apareceu sem trabalho. A Criança celebrou-se sem brinquedo. A Independência proclamou-se sem meios. O Censo contou. A Doença numerou. A Eleição arquivou.

E Bude ficou.

Não ficou por teimosia heroica, dessas que dão nome a avenidas. Ficou por método. A sobrevivência, como se sabe, é uma ciência exata praticada por analfabetos da esperança.

A mesa continuou curta. Os copos de vidro, inteiros. A casa, de pé — o que, em certos bairros, já é arquitetura avançada. Esperança continuou chamando-se Esperança, ironia que o destino jamais se cansou de repetir. As crianças cresceram, o suficiente para compreender que pedir é uma forma de violência contra quem ama.

Se há algo que mudou, foi o olhar de Bude. Tornou-se econômico. Não desperdiça fé, nem raiva. Aprendeu que as datas não salvam, os números não acolhem e os discursos não alimentam. Aprendeu também — e isso é mais raro — que a dignidade não faz barulho.

Talvez por isso a ceia de vidro nunca se quebrou. Não por força, mas por cuidado. Comeram sempre devagar. Falaram sempre baixo. Riram quando possível. Calaram quando necessário.

E o narrador, que acompanhou tudo com a distância respeitosa de quem não sofre, mas observa, confessa por fim:

Há homens que passam pela História.

Bude passou pelos dias.

E isso, embora não renda medalhas,
é a forma mais honesta de existir.

Aqui termina esta crônica .

Amanhã, porém, Bude acordará cedo.

Não porque espera algo novo —

mas porque o dia insiste.

FIM